



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BARRA DO CORDA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO
EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

ANA BEATRIZ NUNES RODRIGUES

ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, SOB O OLHAR DA CRÍTICA
FEMINISTA

Barra do Corda - MA

2025

ANA BEATRIZ NUNES RODRIGUES

**ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, SOB O OLHAR DA CRÍTICA
FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras, Licenciatura em Língua
Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.
da Universidade Estadual do Maranhão -
Campus Barra do Corda como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Francisco Eduardo
Mendes dos Santos.

Barra do Corda - MA

2025

Rodrigues, Ana Beatriz Nunes

Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, sob o olhar da crítica feminista. / Ana Beatriz Nunes Rodrigues. – Barra do Corda, MA, 2025.

23 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Barra do Corda, 2025.

Orientador: Prof. Esp. Francisco Eduardo Mendes dos Santos.

1.Maranhão. 2.Condição feminina. 3.Século XIX. 4.Crítica feminista.
I.Título.

CDU: 82.09-055.2

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

Simone de Beauvoir

ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, SOB O OLHAR DA CRÍTICA FEMINISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Barra do Corda, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO EDUARDO MENDES DOS SANTOS**
Data: 12/01/2026 19:05:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Francisco Eduardo Mendes dos Santos

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **PAULA VICTORIA DOS SANTOS DA SILVA**
Data: 12/01/2026 19:50:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Especialista Paula Victória dos Santos da Silva

1º examinador

Documento assinado digitalmente
 **RAYLANNE RAQUEL LEAL COSTA**
Data: 14/01/2026 05:59:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.(a). Mestra Raylanne Raquel Leal Costa

2º examinador

ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, SOB O OLHAR DA CRÍTICA FEMINISTA

Ana Beatriz Nunes Rodrigues

RESUMO

O presente artigo analisa o romance *Úrsula* (1859/2020) de Maria Firmina dos Reis sob a ótica da crítica feminista. O objetivo é demonstrar como Maria Firmina, uma mulher negra e pobre, subverte os papéis de gênero e raça impostos à mulher no Maranhão do século XIX. A análise, focada nas personagens *Úrsula* (a sinhá) e *Preta Susana* (a escrava), revela que o elo de solidariedade entre elas é um ato pioneiro que critica a opressão patriarcal-escravocrata e antecipa o debate antirracista e feminista. Este estudo também descreve o papel político-social desenvolvido pela figura da mulher maranhense no século XIX e a conduta de Maria Firmina dos Reis, possibilitando analisar a obra *Úrsula* (1859/2020), contemplando as teorias de Simone de Beauvoir (2009), Norma Telles (1997), Elaine Showalter (1989).

Palavras-chave: Maranhão; condição feminina; século XIX; crítica feminista.

ABSTRACT

This article analyzes the novel *Úrsula* (1859/2020) by Maria Firmina dos Reis from a feminist critical perspective. The aim is to demonstrate how Maria Firmina, a Black and poor woman, subverts the gender and race roles imposed on women in 19th-century Maranhão. The analysis, focused on the characters *Úrsula* (the mistress) and *Preta Susana* (the slave), reveals that the bond of solidarity between them is a pioneering act that criticizes patriarchal-slaveholding oppression and anticipates the anti-racist and feminist debate. This study also describes the socio-political role played by women in Maranhão in the 19th century and the conduct of Maria Firmina dos Reis, allowing for an analysis of the work *Úrsula* (1859/2020), considering the theories of Simone de Beauvoir (2009), Norma Telles (1997), Elaine Showalter (1989), and other authors.

Keywords: Maranhão; female condition; 19th century; feminist criticism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ATENAS BRASILEIRA: SURGIMENTO DA LITERATURA MARANHENSE COMO ESPAÇO DE CRÍTICA SOCIAL NO SÉCULO XIX.....	9
2.1 Contexto literário Maranhense no século XIX	9
2.2 Domesticação feminina.....	11
3 SÉCULO XIX: MARIA FIRMINA E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA OBRA.....	12
3.1 O ideal feminino burguês e as barreiras para a autoria.....	12
3.2 A Dupla Subalternidade de Maria Firmina dos Reis.....	12
4 A LENTE METODOLÓGICA DA CRÍTICA FEMINISTA.....	14
4.1 O olhar da crítica feminista.....	14
4.2 Ginocrítica.....	14
4.3 Gênero e raça entre a perspectiva interseccional.....	15
5 ANÁLISE FEMINISTA DE <i>ÚRSULA</i> (1859/2020): SUBVERSÃO DE GÊNERO E RAÇA.....	16
5.1 A subversão da heroína romântica em <i>Úrsula</i>	17
5.2 Interseccionalidade e o elo de sororidade desigual	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

Diante do panorama da conquista dos direitos femininos a partir do século XIX, a compreensão das características sociológicas da época torna-se crucial para a análise do impacto das obras literárias, já que a natureza literária é influenciada por fatores sociais, psicológicos, religiosos e linguísticos que moldam sua estrutura. Nesse contexto de mudanças e segregação social, uma personalidade se destaca: Maria Firmina, mulher negra, maranhense, escritora, de origem simples, trilhou um novo caminho, distanciando-se dos arquétipos femininos impostos pela sociedade.

O presente artigo tem por finalidade trazer uma análise da vida e obra de Maria Firmina dos Reis, na perspectiva feminista, trazendo a relevância e grandiosidade de uma mulher, negra, escritora, que tanto na literatura, quanto na vida pessoal se destacou por sua singularidade em abordar temas como a escravidão e as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres dentro do seu papel na sociedade maranhense.

O objetivo geral deste trabalho é analisar, sob a perspectiva da crítica feminista, em que medida a obra *Úrsula* (1859/2020) de Maria Firmina dos Reis subverte os estereótipos sociais e os papéis de gênero impostos à figura da mulher no século XIX, destacando seu pioneirismo na literatura. Para alcançar essa finalidade, o artigo se organiza a partir de três objetivos delimitados. O primeiro foca em descrever a conjuntura social maranhense do século XIX e contextualizar o papel da mulher na literatura da época, estabelecendo a base para a análise crítica da obra. O segundo em analisar as estratégias de subversão e resistência das personagens femininas, investigando a relação de poder entre gênero e raça à luz da crítica feminista e do contexto social maranhense. Por fim, o terceiro objetivo busca debater a relevância de *Úrsula* (1859/2020) como instrumento de crítica social pioneira na literatura do País, examinando suas contribuições para a visão feminista acerca da autonomia e da condição da mulher no século XIX.

Para a elaboração metodológica, o presente trabalho se orienta a partir de uma abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e análise literária crítica. O corpus do estudo é o romance *Úrsula* (1859/2020), de Maria Firmina dos Reis, que é examinado a partir da leitura minuciosa de suas personagens, enredo e estratégias de construção narrativa. O levantamento bibliográfico — que incluiu livros, artigos e dissertações — buscou firmar a análise embasada nos teóricos fundamentais da crítica feminista, entre elas: *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (2009), *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf (1928), e os estudos de Elaine Showalter (1989) sobre ginocrítica. Também foram incorporadas reflexões de Ana

Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), além de estudos sobre o contexto maranhense e sobre a trajetória de Maria Firmina dos Reis por Norma Telles (1997). A análise foi conduzida por meio da leitura interpretativa, dedicando-se a: representação das personagens femininas; relações de poder entre gênero, raça e classe; na identificação de estratégias de resistência e subversão; e na comparação direta entre passagens do romance e os conceitos teóricos feministas.

A pesquisa também se apoia na perspectiva da crítica feminista interseccional, considerando como os marcadores sociais — gênero, raça e posição social — influenciam a construção das personagens e o discurso literário. A aplicação da ginocrítica, enquanto ferramenta metodológica, permitiu examinar a autoria feminina, a subjetividade da escritora e os elementos que revelam uma tradição literária de mulheres.

Desse modo, a metodologia adotada possibilitou articular texto literário, contexto histórico e teoria crítica, oferecendo uma análise que evidencia como Maria Firmina dos Reis rompeu com o modelo patriarcal do século XIX e inaugurou um discurso feminista e antirracista pioneiro na literatura brasileira.

O presente artigo desenvolve-se em tópicos: Atenas Brasileira: surgimento da literatura maranhense como espaço de crítica social no século XIX; Século XIX: Maria Firmina dos Reis; e a representatividade das mulheres na obra; A lente metodológica da crítica feminista; Análise feminista de *Úrsula* (1859/2020): subversão de gênero e raça.

2. ATENAS BRASILEIRA: SURGIMENTO DA LITERATURA MARANHENSE COMO ESPAÇO DE CRÍTICA SOCIAL NO SÉCULO XIX

Este capítulo propõe descrever a conjuntura social e econômica do Maranhão no século XIX, destacando o surgimento da chamada “Atenas brasileira” e, em contraste, a marginalização do papel da mulher na literatura desse período, conforme estabelecido no primeiro objetivo.

2.1. Contexto literário Maranhense no século XIX

O desenvolvimento da literatura maranhense no século XIX evidencia a riqueza cultural e a veemência intelectual da região. A análise da historiografia do Estado aponta que as condições econômicas da aristocracia, fundamentada desde o século XVII, foram remodeladas pela criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, sob a liderança de Sebastião

José de Carvalho, o Marquês de Pombal. Tais mudanças possibilitaram um novo tempo na economia, na política e, principalmente, nos gostos e comportamentos da sociedade.

A partir desta nova condição, com a concentração de renda, foi possível proporcionar aos filhos da elite a oportunidade de estudarem nas universidades européias ou até mesmo nas faculdades brasileiras (criadas na primeira metade do século XIX), ou seja, propiciou um crescimento intelectual, que se articula à construção mítica da Atenas Brasileira[...] (MARTINS, 2011, p.49).

Essa expansão intelectual, contudo, estava circunscrita a um grupo muito específico — os homens da elite — testemunhando que o avanço cultural maranhense não resultou em uma democratização do acesso à educação. É fundamental compreender que o conceito de “Atenas Brasileira” surge como uma analogia direta à cidade grega, centro do pensamento clássico, da oratória e das artes. Essa atribuição consolidou-se no imaginário nacional para designar São Luís como um reduto de erudição, onde espelhavam o ideal de civilidade europeu. Tratava-se, portanto, de uma identidade construída para afirmar a superioridade intelectual da elite maranhense frente às demais regiões do país. Visto que, em meio a esse cenário de transformações econômicas e sociais, o homem branco pertencente à elite social do Maranhão ocupava todos os espaços, desde a política, até as artes, ou seja, dominava a literatura.

Sendo então, dentro desse contexto que nasce o “Grupo Maranhense” liderado pelos filhos da elite que estudava fora do país e, ao retornar, traziam ideias inovadoras ao campo da literatura e das artes modificando, assim, o *status* da capital São Luís, agora conhecida como Atenas Brasileira, assumindo grande relevância “por ter tornado a literatura brasileira ainda mais rica em relação a temas, expressões e padrões clássicos reinventados ao modo nacional” (FILHO, 2022 p. 46). Esse destaque na produção artística literária provém das influências europeias que se mesclaram às tradições locais, resultando nessa rica e intensa Era das belas-artes.

O qual, influenciado por essa perspectiva, Odorico Mendes publica o poema *Hinos à tarde* em 1832, que por sua vez dá início ao que conhecemos hoje como, de fato, literatura maranhense. Nesse mesmo período, surge Gonçalves Dias como célebre figura do Romantismo, que desvincilhou-se de temáticas externas e conseguiu “colocar o Maranhão em um patamar maior na literatura e, com isso, adquirir reconhecimento nacional” (FILHO, 2022, p. 46). Esse movimento foi rapidamente incorporado pela elite maranhense, que buscava reproduzir hábitos europeus e consolidar uma identidade intelectual própria; contudo, tal apropriação continuou a excluir sistematicamente a figura da mulher, revelando que o avanço estético não se traduzia em avanço social para todos os grupos.

Entretanto, mesmo em face desse florescimento econômico, a dinâmica social que emergia continuava corroborando uma rígida hierarquia patriarcal, tornando-se aspecto fundamental para compreender a exclusão das mulheres do campo literário que se consolidava.

2.2. Domesticação feminina

Parafraseando Virginia Woolf (1928), os valores sociais são, invariavelmente, transferidos da vida real para a ficção. Sua crítica, ainda que posterior, ajuda a iluminar o cenário no qual os valores dominantes eram essencialmente masculinos, e isso reverbera na ficção e na memória literária.

[...]o romance tem essa correspondência com a vida real, seus valores são, numa certa medida, os da vida real. Mas é óbvio que os valores das mulheres diferem, com frequência, dos que foram estabelecidos pelo outro sexo; isso decerto acontece. E, no entanto, são os valores masculinos que prevalecem. (WOOLF, 1928, p. 91-92).

Condescendente a essa realidade os indivíduos do sexo feminino eram limitados a ser esposas e mães. Ribeiro (2000), em *Mulheres educadas na colônia*, do livro 500 anos de educação no Brasil, diz:

O sexo feminino fazia parte do *inbecilitus sexus*, ou sexo imbecil. Uma categoria a qual pertencia mulheres, crianças e doentes mentais. Era muito comum o versinho declamado na casa de Portugal e do Brasil que dizia: mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada (RIBEIRO, 2000, p. 79).

Esses valores, amplamente difundidos e associado a visão da igreja, manifestavam-se com especial rigidez, intensificava a vigilância sobre a conduta feminina, gerando a percepção de que “a mulher deveria seguir os passos da figura de Maria — mulher imaculada, concebida sem pecado algum, sinônimo de castidade, pureza e devoção.” (SANTANA, 2014, p.143).

Sob esse contexto, surge Maria Firmina dos Reis, figura feminina que fomenta os meios intelectuais maranhense por meio de suas publicações literárias que à protagonizou, operando tanto como espaço de divulgação quanto de crítica. Sua emergência literária constitui um marco disruptivo, não apenas por romper a barreira de gênero, mas por inaugurar uma voz feminina, composta por uma crítica velada, num ambiente rigidamente dominado por homens — algo inédito e profundamente significativo para a história literária maranhense.

3. SÉCULO XIX: MARIA FIRMINA E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA OBRA

Na sequência da contextualização histórica e social, o presente capítulo estabelece a

ponte crucial entre o cenário do Maranhão do século XIX e a figura de Maria Firmina dos Reis. Busca-se compreendê-la não somente como escritora, mas como um ato pioneiro de subversão e resistência contra os papéis de gênero, raça e classe impostos pela "Atenas Brasileira", preparando o terreno para a investigação das personagens femininas em sua obra, à luz da crítica feminista.

3.1. O Ideal Feminino Burguês e as Barreiras para a Autoria

A representação feminina no espaço cultural, mediada pela linguagem, constitui o ponto central das investigações feministas. Em meados do século XIX, o ideal feminino burguês exaltava a virgindade, a fragilidade e o papel de esposa e mãe exemplar. Nesse cenário, a vida da mulher deveria ser tutelada pela autoridade masculina (pai, irmão ou marido), que lhe garantia a proteção e a honra.

A repressão imposta às mulheres cumpria um papel social de garantir a autoconfiança dos homens, que necessitavam da percepção de superioridade (WOOLF, 1928). A escrita, nesse contexto, representava uma subversão direta desse ideal.

No Brasil, embora figuras como Nízia Floresta e Chiquinha Gonzaga fossem pioneiras, a educação era privilégio das elites que passaram a associá-la à "modernização da sociedade, a higienização da família, a construção da cidadania dos jovens" (SANTOS, 2020, p.6), limitando o acesso e o escopo do ensino feminino.

3.2. A Dupla Subalternidade de Maria Firmina dos Reis

Neste cenário de controle social, a ascensão feminina era lenta, e a base econômica do Estado estava estruturada na mão de obra escravista e agroexportadora, posicionando mulheres negras, escravas e indígenas na base da pirâmide social.

É neste contexto de múltiplas opressões que Maria Firmina dos Reis, uma mulher pobre, negra e descendente de escravos, ousa alçar voo, representando a superação da dupla subalternidade – a opressão de ser mulher somada à opressão de ser negra em uma sociedade escravocrata.

Filha de João Pedro Esteves e dona Leonor Felippa dos Reis, nasceu na cidade de S. Luiz do Maranhão a 11 de outubro de 1825. Dedicando-se ao magisterio, regeu a cadeira de primeiras letras de S. José de Guimarães desde agosto de 1847 até março de 1881, quando foi aposentada. Em 1880 fundou uma aula mixta em Maçarico, termo do Guimarães, cujo ensino era gratuito para quasi todos os alumno... (BLAKE, 1900, p.232)

Embora não haja registro de Firmina em instituições de ensino formal, ela atingiu um alto grau de instrução através do autodidatismo, equiparando seu saber ao dos homens

privilegiados da época. Seu sucesso é evidenciado pela aprovação em 1847 no concurso estadual para Mestra Régia (professora formada e concursada), sendo a única aprovada na Vila dos Guimarães.

Para além do autodidatismo, o ensino ofertado às mulheres era direcionado à elite maranhense e não aquelas de outras camadas sociais, como as forras, quitandeiras e escravizadas. Por isso, vale salientar que Maria Firmina dos Reis, mesmo não pertencendo à elite econômica, conseguiu, por meio da sua instrução, destacar-se nessa camada intermediária livre, diferenciando-se da grande maioria negra do período (SOUZA, 2020, p.29).

A autora demonstra seu nível cultural em *Úrsula*, estreado em 1859, por meio de referências eruditas que desafiam a premissa de que a mulher negra e pobre não poderia atingir tal erudição:

Era uma dessas tardes que parecem resumir em si quanto de belo, de luxuriante e de poético ostenta o firmamento no Equador; era uma dessas tardes que só Bernardin de Saint-Pierre soube pintar no delicioso *Paulo e Virgínia*... (REIS, 1859/2020, p.112).

Como educadora, Firmina desafiou as normas sociais ao fundar a primeira escola mista gratuita de Guimarães. Seu rompimento com os padrões se consolidou em suas publicações literárias, música e composições, o que nos leva a analisar as ferramentas teóricas para acessar sua voz.

3.3. A necessidade de um “Olhar Feminista” sobre a autoria de Firmina

Ao se posicionar como escritora, Maria Firmina dos Reis não apenas confeccionou uma obra literária, mas realizou um ato político de contestação à sociedade patriarcal e escravocrata. Sua vida e sua obra representam o início da luta pela igualdade de gênero e de raça em todo o Brasil. No entanto, para analisar a profundidade da subversão que a autora empreendeu, é indispensável o uso de uma moldura teórica capaz de esclarecer sua complexa posição social e do seu legado.

Assim, o próximo capítulo se dedicará a construir as lentes metodológicas que nortearão a análise da obra, definindo os conceitos da “crítica feminista” e da “ginocrítica”, cruciais para compreender o impacto do universo das personagens.

4. A LENTE METODOLÓGICA DA CRÍTICA FEMINISTA

A análise do romance *Úrsula* (1859/2020) demanda um embasamento teórico que evidencie tanto a posição de Maria Firmina dos Reis como mulher negra escritora quanto as estratégias com que rompe os padrões literários de seu tempo. Assim, este capítulo apresenta perspectivas que orientam o estudo — Crítica Feminista, Ginocrítica e Interseccionalidade —,

fundamentais para compreender como gênero, raça e classe estruturam a obra. Com esse arcabouço, torna-se possível, no capítulo seguinte, examinar de que modo Firmina subverte o cânone romântico e cria novas formas de representar mulheres e sujeitos racializados.

4.1. O olhar da Crítica Feminista

A Crítica Feminista emerge como um campo de estudos que questiona a centralidade da perspectiva masculina na produção, recepção e avaliação da literatura. Tendo por objetivo principal não apenas incluir mulheres no cânone, mas sim desnaturalizar as estruturas de poder que historicamente as excluíram ou reduziram suas figuras a papéis estereotipados.

A literatura, como espelho e formadora de cultura, veicula ideologias de gênero. Nesse sentido, a crítica feminista atua como um olhar vigilante sobre três eixos principais: 1- a mulher como leitora: como o texto afeta a consciência da mulher e sua identidade; 2- a mulher na ficção: a representação dos personagens femininos, questionando o papel de "musa", "anjo do lar" ou "mulher-fatal" frequentemente imposto pelo cânone patriarcal; e 3 - a mulher como escritora: o foco na autoria feminina, suas experiências e o contexto de produção da sua obra.

O desafio central dessa crítica, como apontado por teóricas como Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), é expor as relações de poder que regulam o discurso. Ao analisar uma obra como *Úrsula* (1859/2020), a crítica feminista permite ir além da superfície romântica para investigar como o texto de Maria Firmina subverte a linguagem e as expectativas de seu tempo, dando voz ativa as personagens femininas em um contexto de repressão.

4.2. Ginocrítica

A vertente metodológica mais adequada para o presente estudo é a “ginocrítica” proposta por Elaine Showalter (1989). Essa abordagem metodológica representa uma mudança de foco na crítica feminista, dedicando-se à investigação da mulher enquanto produtora de texto. Segundo a autora, este campo é especificado de modo claro:

O objeto de estudo da ginocrítica é a história, o estilo, os temas, os gêneros e as estruturas da escrita produzida por mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina, individual ou colectiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária feminina. (SHOWALTER, 1989 p. 248).

Com base em suas concepções, Macedo e Amaral (2005, p.88) sugere ainda que ginocrítica instiga-nos “a uma viagem conceptual, [...] ao considerarmos a existência de uma

tradição (masculina) existente, deixamos de contar com modelos masculinos pré-estabelecidos para nos centrarmos sobre a questão essencial da diferença.

Ao centrar-se na prática da autoria feminina, a aplicação da ginocrítica permite uma visão hierárquica sobre a produção de Maria Firmina dos Reis, fundamental para a análise da sua obra no contexto do século XIX. O método possibilita: Legitimar sua voz: Inserir a autora em uma linhagem de escritoras que enfrentaram as barreiras e o silenciamento impostos pela sociedade patriarcal; Compreender suas escolhas: analisar o estilo e os temas de *Úrsula* (1859/2020) para verificar como o seu “ser mulher” e o seu “ser negra” moldaram o conteúdo da obra, desde a escolha do romance até a forma de representação das personagens; e Reconhecer a subversão: Evidenciar como Firmina, no seu contexto social, utilizou a literatura como seu espaço de criação para conceber a autonomia feminina e desafiar os destinos sociais impostos às suas personagens.

4.3. Gênero e Raça entre a perspectiva interseccional

Embora a Ginocrítica seja essencial para focar na autoria feminina, a análise da obra *Úrsula* (1859/2020) também exige um olhar que transcenda o mero recorte de gênero para incorporar a questão da raça.

A crítica feminista contemporânea reconhece que as opressões não ocorrem de forma isolada, mas sim se intersectam e se amplificam. Sendo este o conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (2002), que descreve a Interseccionalidade como a sobreposição de identidades e opressões — gênero, raça e classe.

No contexto do Maranhão no século XIX, Maria Firmina viveu uma dupla subalternidade conjecturando uma duplamente marginalização, por ser mulher e por ser negra. No qual, a mulher branca e burguesa sofria a opressão de gênero, compelida ao lar e a submissão. Já a mulher negra sofria a opressão de gênero, somada à violência e desumanização da raça e da classe. Portanto, a análise da obra sob o enfoque interseccional permite entender que a crítica de Maria Firmina não se restringe à situação da “sinhá”, mas se aprofunda ao criar um elo de sororidade entre a *Úrsula* e a Preta Susana. É essa perspectiva teórica que justifica a investigação da solidariedade feminina na obra, destacando o pioneirismo da autora em antecipar o debate sobre as diferentes formas de opressão que vivenciava.

Desta forma, a Crítica Feminista e a Ginocrítica oferecem o arcabouço teórico necessário para a investigação da autoria feminina e da representação da mulher na literatura.

Munidos destas lentes conceituais, o próximo capítulo se dedicará à análise do romance, examinando como Maria Firmina dos Reis subverte as estruturas literária e antecipa o debate interseccional ao dar voz a suas personagens.

5. ANÁLISE FEMINISTA DE *ÚRSULA* (1859/2020): SUBVERSÃO DE GÊNERO E RAÇA

Em consonância com o terceiro objetivo deste estudo, este capítulo aplica as lentes da Crítica Feminista, da Ginocrítica e da Interseccionalidade para examinar como Maria Firmina dos Reis, em *Úrsula* (1859/2020), rompe com os padrões literários e inaugura uma escrita comprometida com a denúncia das violências de gênero e raça. A análise concentra-se especialmente nas personagens Úrsula e Preta Susana, figuras que sintetizam formas distintas — porém convergentes — de opressão no Maranhão escravocrata.

O pioneirismo da obra de Maria Firmina é sublinhado pela contribuição de Norma Telles, que a demarca como uma autora que rompe o silenciamento, propondo alternativas contrárias ao roteiro de submissão imposto à mulher brasileira.

Úrsula “romance original brasileiro”, narra um romance de amor entre uma jovem, Úrsula, e um bacharel de direito, entrelaçando-o com a narrativa da vida dos escravos, que guardam a lembrança da África com suas raízes e costumes. Na novela, a heroína, como as dos contos góticos ingleses, é perseguida pelo vilão [...] e anseia pela viagem que a levaria para longe, para o mundo, a ponto de invejar um ex-escravo que, liberto, teria a maior mobilidade do que ela. (TELLES, 1997, p. 345).

A obra destaca-se por abordar de forma ímpar temas como a opressão feminina e a escravidão. Enquanto os romances da época desenvolviam personagens aristocráticas e enredos que enalteciam a elite, a obra se distingue por reprovar os preceitos sociais impostos às mulheres e aos negros no Maranhão escravocrata. Em paralelo ao romance tradicional, a personagem Úrsula, categorizada como heroína, desempenha ainda, como sugere Macedo e Amaral (2005, p. 93) um modelo para o qual “escritoras profissionais precisavam de encontrar padrões de identidade feminina nos quais se pudessem reconhecer”.

Em um contexto social e literário dominado por homens, Firmina desafiou as normas sociais de sua época, evocando questões que até então eram pobremente exploradas. *Úrsula* (1859/2020) não se limita a narrar uma história de amor e sofrimento, mas a relatar através de seus personagens a condição da mulher e do negro no âmbito social como abordada por Norma Telles (1997):

O que mais distingue esse livro não é o enredo romântico de amor, dor, incesto e morte, temas românticos comuns, mas o tratamento dado à questão do escravo. [...] A

personagem da escrava Susana representa a guardiã da cultura africana, ela é aquela que se lembra de como foi capturada, da infame viagem pelos mares, dos escravos conduzidos por homens que não se importam em “levá-los à sepultura asfixiados e famintos”. (TELLES, 1997, p. 345).

Ao adotar essa abordagem, a obra antecipa debates feministas e antirracistas, posicionando a autora entre as pioneiras na luta por direitos e representatividade na literatura nacional.

5.1. A Subversão da Heroína Romântica em Úrsula

As personagens Úrsula e Susana, apesar de simbolizarem classes econômicas distintas, ambas são representadas sob o jugo da submissão, uma característica esperada das mulheres de sua época. Enquanto a personagem Úrsula — a sinhá — é sujeita à opressão do ideal de feminilidade burguesa, marcada pela pureza e fragilidade, Susana resiste à brutalidade do sistema escravocrata, compelindo-a ao papel de serva. Sendo essa característica não apenas uma condição social retratada na narrativa, e sim uma crítica de Maria Firmina à estrutura social patriarcal, que simboliza a universalidade da opressão feminina, ao mesmo tempo que, na obra, desenvolve a força da resistência e da dignidade frente a essas imposições.

No desenvolver do enredo, nota-se no protagonismo de Úrsula a submissão com sutileza, ao passo que a autora tenta desenvolver a obra nos parâmetros do romantismo, utilizando-se do ideal feminino e do sentimentalismo para criar uma crítica furtiva na personagem. A descrição inicial de Úrsula se enquadra perfeitamente no arquétipo romântico de pureza e caridade:

Bela como o primeiro raio de esperança, transpunha ela a essa hora mágica da noite o lumiar da porta, em cuja câmara debatia-se entre dores e violenta febre o pobre enfermo. Era ela tão caridosa... Tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos. Úrsula, com a timidez da corsa, vinha desempenhar à cabeceira desse leito de dores os cuidados que exigia o penoso estado do desconhecido. Nenhuma exageração havia nesse piedoso desempenho; porque Úrsula era ingênua e singela em todas as suas ações; (REIS, 1859/2020, p.22- 23).

Entretanto, Firmina não a confina ao papel passivo que reflete as expectativas sociais em relação à mulher. Ao contrário, a autora transforma Úrsula em agente de seu próprio destino, subvertendo a expectativa do leitor de que seria apenas uma figura frágil e secundária. A subversão se manifesta na capacidade de ação da heroína, que tenta ativamente fugir de sua prisão e, no clímax, utiliza a única arma que lhe resta: a maldição, que se concretiza e destrói o vilão. Isso a confere uma compostura de força e autocontrole, rompendo com o modelo de passividade imposto.

5.2. Interseccionalidade e o Elo de Sororidade Desigual

Dentro da narrativa, a autora também utiliza Suzana, a negra escravizada, como ponte de suas reflexões. A complexidade desta personagem, duplamente vexada pela sociedade, torna a obra um exemplo percussor da literatura feminista e antirracista, como quando pontuado sobre a personagem ser “uma mulher escrava, e negra com ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor” (REIS, 1859/2020, p.80).

Ainda que apresentada como personagem secundário, Preta Suzana destaca-se sob um olhar humanizado que assume papel vital ao tentar retratar o social do século XIX na narrativa. Firmina empenha-se em encaixá-la nos moldes da mulher negra da época. No entanto, apesar da divisão social das classes, a faz deter o mais elevado grau de maturidade e humanização ao lamentar a situação de sua senhora com o murmurar comovente “Pobre menina!” (REIS, 1859/2020, p.105), sua voz ecoa como denúncia e consolo: um gesto que revela não apenas sua empatia, mas a crítica firme à marginalização da figura negra.

Nesse viés, a construção discursiva reforça a concepção de que “o fato de ser um ser humano é infinitamente mais importante do que todas as singularidades que distinguem os seres humanos” (BEAUVOIR, 2009, p. 699).

O romance, ao empregar o enfoque interseccional, permite entender que a opressão de gênero não é unitária: Úrsula — a senhora, prisioneira do lar — e Suzana — a prisioneira do tronco — representam faces da mesma moeda patriarcal-escravocrata que nega a liberdade a todas as mulheres. A força desta perspectiva é evidenciada no momento de crise de Úrsula, onde Preta Suzana, mesmo desempenhando o papel subalterno, demonstra completa empatia e solidariedade, atuando como o pilar de apoio da “senhora” em colapso:

Úrsula correu louca por algum tempo, ora invocando a morte, ora maldizendo a hora de seu nascimento, até que afinal, vencida por tão violentos embates, caiu em uma prostração mórbida, donde a Preta Susana a veio arrancar para dizer-lhe: — Ide, ide, que minha senhora lhe quer falar. Ah! Ela não pode tardar. E abafou-lhe a voz copioso pranto. Úrsula abriu os olhos, estremecendo, [...] E reparando que a escrava chorava, tornou-lhe enternecida: — Pois que, Susana, tu também choras?! A velha africana pegou-lhe da mão, e disse: — Acompanhai-me, vossa mãe está a morrer[...] Úrsula exclamou fora de si: — Oh! Não, mentes, não pode ser! Tu te enganaste, Susana, não é verdade? Susana tomou-a nos braços, e apontando para o leito da moribunda: Vede-a. Ela vos quer falar. (REIS, 1859/2020, p.105-106).

A autora explora o desespero de Úrsula ao estabelecer um elo de solidariedade feminina que transcende a barreira da classe e da raça, oferecendo um retrato preponderante da crise emocional e do medo que a delineia. Neste momento, a personagem se depara com a inexorável

circunstância que a cerca por meio de uma reação violenta ao descobrir a ameaça de seu tio e da aflição resultante do agravamento da saúde de sua mãe. Maria Firmina evidencia o efeito assolador das forças autocráticas sobre Úrsula e utiliza Suzana como figura empática e solidária, contrastando com sua posição subalterna. Sua habilidade de ofertar conforto e apoio à senhora, apesar de seu próprio desamparo, se transforma em um elo de sororidade desigual, corroborando a crítica à marginalização dos negros e às desigualdades sociais. Ao empregar o termo “velha africana” a romancista revela não apenas a origem da personagem, mas sim o respeito pela personagem e a dignidade inerente que a pertence, divergindo das práticas de desumanização do período oitocentista.

Ao conceder voz aos marginalizados, Maria Firmina dos Reis prenuncia as bases do pensamento feminista, a autora, no entanto, é realista quanto ao contexto social, conforme observa Norma Telles:

As personagens não poderiam ter outro fim senão a morte, pois, a despeito do romantismo, não havia lugar no Brasil de então para um bacharel que abandona a casa por não suportar a maneira de viver do pai tirano e fica amigo de um escravo que tem personalidade própria e ainda quer se casar com uma jovem sem nenhum dote. Também não havia espaço para a jovem que experimenta a dureza do destino “no começo dos seus anos” e, mesmo sem experiência, intenta fugir de sua prisão, ou para africanos que seguiam seu próprio código mesmo presos a uma terra estranha (TELLES, 1997, p. 346).

O que nos leva ao desfecho trágico funcionando, não como um fracasso narrativo, mas como um poderoso instrumento de crítica social, reforçando que a sociedade da “Atenas Brasileira” não tolerava a subversão das normas de gênero, classe e raça que Maria Firmina ousou representar. Nota-se que apesar de estar inserida dentro do Romantismo, a narrativa de Maria Firmina se camufla dentro do movimento trazendo debates inéditos a literatura da época, desafiando, assim, as normas pré-estabelecidas socialmente.

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. [...]. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei. (BEAUVOIR, 2009, p. 91)

A complexidade e a profundidade das personagens, Úrsula e Suzana, desvendam não apenas a opressão que a mulher enfrentava, mas também a resiliência e a dignidade que emergem na adversidade, fazendo com que a autora seja exemplo de compromisso com a paridade e a representatividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coexistência de Úrsula e Preta Susana permite a Firmina realizar uma crítica multifacetada. A autora desnaturaliza o sofrimento romântico ao lado do sofrimento real da escravidão. Úrsula, a “a sinhá: prisioneira do lar”, e Susana, a “escrava: prisioneira do tronco”, representam faces da mesma moeda patriarcal-escravocrata que nega a liberdade a todas as mulheres, independentemente de sua posição social. O elo de sororidade que se estabelece entre elas, embora desigual, é a semente de um feminismo que reconhece as diferenças, mas busca a conexão na experiência da opressão. Maria Firmina, ela própria uma figura de “dupla subalternidade”, utiliza a literatura para forjar uma voz que se recusa a ser silenciada, dando às suas personagens um destino narrativo mais digno do que a sociedade lhes reservou.

Esta análise confirma, portanto, a hipótese inicial de que as produções de Maria Firmina dos Reis enriquecem e aprofundam os estudos da literatura feminista brasileira.

Neste sentido, o trabalho demonstrou ter alcançado integralmente os objetivos específicos propostos. O primeiro objetivo foi cumprido ao descrever a conjuntura social e o papel restrito da mulher na literatura maranhense do século XIX. O segundo foi atingido por meio da análise das estratégias de subversão e da crítica interseccional de gênero e raça nas personagens Úrsula e Preta Susana. Por fim, o terceiro objetivo foi concretizado ao debater a relevância de *Úrsula* (1859/2020) como um instrumento de crítica social pioneiro, reafirmando suas contribuições para a autonomia e condição da mulher na literatura nacional.

As implicações desta constatação são significativas. No campo teórico, a obra de Firmina demonstra que uma crítica social complexa, que hoje chamaríamos de “interseccional” — cruzando gênero, raça e classe — já estava presente na literatura do século XIX, desafiando a crítica feminista a buscar suas raízes para além das autoras brancas e europeias. Historicamente, esta análise reposiciona *Úrsula* (1859/2020) no cânone literário maranhense e brasileiro: a obra transcende o simples Romantismo e se firma como um documento pioneiro de crítica social e de humanização da figura do escravizado, subvertendo a lógica da “Atenas Brasileira” ao dar voz a quem estava socialmente silenciado.

Este trabalho focou na análise de *Úrsula* (1859/2020) sob o olhar da crítica feminista, mas a profundidade da obra de Maria Firmina dos Reis abre caminhos para futuras pesquisas. Seria benéfico, por exemplo, realizar estudos comparativos entre a obra *Úrsula* (1859/2020) e outras escritoras afrodescendentes do século XIX, tanto no Brasil quanto em outras partes da diáspora africana, para traçar um panorama mais amplo das narrativas de resistência feminina. Além disso, uma investigação aprofundada sobre a recepção crítica das outras publicações de Maria Firmina em jornais e folhetins da época poderia revelar mais sobre as estratégias que ela

utilizou para navegar e criticar a sociedade patriarcal de seu tempo.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v. 6. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/22>. Acesso em: 24 maio 2025.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan./jul. 2002. Disponível em: <https://sumarios.org/artigo/documento-para-o-encontro-de-especialistas-em-aspectos-da-discriminacao-racial-relativos-ao-genero>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- FILHO, Ricardo Miranda. A origem da Literatura Maranhense. In: CAVALCANTE, José Dino; NERES, José; VIEIRA, Mauro Cezar (org.). **Dossiê da literatura Maranhense: Minha terra tem palmeiras, tambores e Mistérios**. São Luís: UFMA, 2022. p. 37-52. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/issue/view/853>. Acesso em: 24 maio 2025.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- MARTINS, Ana Paula Sá. **A marginalização da literatura maranhense no ensino médio: dimensões curriculares**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/5370>. Acesso em: 24 maio 2025.
- REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. São Paulo: Principis, 2020.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.
- SANTANA, Ramon Ferreira. A instrução da fêmea: a educação da mulher brasileira no século XIX. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 137–150, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/2961>. Acesso em: 09 jun. 2025.
- SANTOS, Guilherme Alexandre. **O movimento feminista brasileiro e sua influência na educação da mulher brasileira no século XIX**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/741437>. Acesso em: 24 maio 2025.
- SHOWALTER, Elaine. **The New Feminism Criticism: Essays on Women, Literature and Theory**. Londres: Virago, 1989. Disponível em: <https://archive.org/details/newfeministcritishow>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- SOUZA, Natália Lopes. **Uma senhora maranhense que cultiva as belas letras: Maria Firmina dos Reis e sua trajetória na imprensa (1860 - 1911)**. 2020. Dissertação (Mestrado em História)

– Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jpui/handle/uf/13808>. Acesso em: 04 maio 2025.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1928.